



Em 1995, eu e a minha colega Carla Lopes, iniciámos um projecto de investigação sobre “As Comunidades Pré-Históricas dos IV — III Milénios na Região de Monforte” (sob o acrónimo COMONPH). Considerando os apoios para tal empreendimento, os objectivos então apresentados (Lopes e Boaventura, 1997, p. 382-383) revelaram-se bastante ambiciosos, optando-se, posteriormente, por abordagens mais modestas e exequíveis, todavia, mais prolongadas no tempo.

Entretanto, com a frequência do Mestrado de Pré-História e Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa (1997-1999), a escolha de uma temática monfortense foi natural e lógica. O sítio do Pombal (Mapa 1) revelou-se um tema cativante para dissertação, sobretudo pelo conjunto anteriormente exumado em trabalhos promovidos por Manuel Heleno (1962, p. 314). Também, a reduzida publicação no Alto Alentejo, Distrito de Portalegre, de qualquer estudo monográfico acerca de sítios de habitat Neolíticos/Calcolíticos tornava valioso o estudo agora apresentado — como se poderá verificar noutro ponto apenas existem pequenos artigos publicados acerca de habitats enquadráveis neste período (ex: CLIO, 1979; Oliveira e Dias, 1982), e alguns apontamentos noutros (ex: Carvalho, 1993). Porque, ainda que muito se fale dos períodos Neolítico/Calcolítico alentejanos, toma-se a parte pelo todo, generalizando-se a investigação efectuada mais a Sul à região Norte Alentejana (Jorge, 1990; Gonçalves, 1993 e 1995, p. 213). Mais do que um manifesto contra esta atitude, a minha posição procura, sobretudo, verificar se os dados materiais da área concordam com esta inferência.

Acrescentarei ainda outra razão, quiçá mais programática, que foi dar a conhecer o espólio nado-morto depositado no Museu Nacional de Arqueologia (MNA). Isto ia ao encontro de uma das intenções do referido Mestrado.

Portanto, este trabalho é o resultado da dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia, orientada pelo Professor Doutor Victor Gonçalves, e que foi defendida em Julho de 2001 perante o júri constituído pelo referido orientador e os Professores Doutores João L. Cardoso (arguente) e João C. Senna-Martinez.

## **1.1. A investigação arqueológica na região de Monforte**

---

Os mais antigos dados referentes à investigação arqueológica na região de Monforte, correspondente à área definida no projecto COMONPH (Boaventura e Lopes, 1997), podem ser atribuídos a Carlos Ribeiro e Nery Delgado. Estes geólogos/arqueólogos, no âmbito do levantamento oitocentista da Carta Geológica e Corográfica de Portugal apontaram as coordenadas de uma série de monumentos megalíticos (antas) que, curiosamente, passaram despercebidos a alguns investigadores posteriores — talvez porque esta informação se quedou em apontamentos de campo, só vendo a luz do dia apenas em finais dos anos Setenta pela mão de C. Neto (1976-77, p. 99-107).

Resultado de actividade ocorrida num momento da viragem do século XIX para o XX, os Leisner (1959, p. 44) referem materiais depositados no Museu Santos Rocha da Figueira da Foz provenientes de 5 antas de Monforte exploradas por Wittnich Carrisso e António Sardinha. Destes 5 monumentos apenas 3 foram identificados. Estas cavações nunca tiveram resultados publicados resumindo-se a informação às breves linhas referidas pelo casal Leisner e aos próprios materiais — que, felizmente, continuam depositados no referido Museu. A presença de W. Carrisso (Fernandes, 1987), da Figueira da Foz, talvez se deva a alguma visita efectuada na companhia de António Sardinha, de Monforte, quando ambos eram estudantes universitários em Coimbra, interessados pelas ciências humanas.

Na primeira década do século XX, Tomás João Pires, de Barbacena (Elvas), realizou várias pesquisas em monumentos megalíticos, cujos espólios eram vendidos a museus e interessados (Viana, 1950, p. 300; Leisner, 1959, p. 44), inclusive do concelho de Monforte — antas da Tapada das Noras (Leisner, 1959, p. 46) da Carrajola (Leisner, 1959, p. 46) e da Badanha ou Boudanha (Viana e Deus, 1952, p. 199; Leisner, 1959, p. 47).

Na Páscoa de 1923, Leite Vasconcelos, então Director do, actualmente designado, Museu Nacional de Arqueologia (MNA), realizava uma excursão de “*estudo arqueológico*” passando pela região de Monforte (Vasconcelos, 1927-29, p. 158-200). Este investigador, juntamente com Manuel Heleno, então Conservador do dito Museu, iniciou esta campanha efectuando escavações num conjunto de antas na Herdade Grande (Fronteira) com resultados “*infelizes*” (Vasconcelos, 1927-29, p. 160-169). De seguida, visitaram Vaiamonte e Assumar recebendo vários materiais arqueológicos dispersos por doação de habitantes locais assim como informação acerca de sítios arqueológicos (Vasconcelos, 1927-29, p. 160-169).

Só em finais dos anos 40 notamos uma pesquisa “mais científica” dada a esta região, todavia, dividida em duas áreas geográficas.

A Sul da Ribeira Grande, Abel Viana associou-se ao curioso da Arqueologia António Dias de Deus em 1949, terminando essa colaboração em 1955 com a morte do primeiro. O primeiro desenvolve um louvável trabalho de, sobretudo, dar à estampa as escavações efectuadas pelo grupo de Vila Fernando, dirigido por Dias de Deus e António Luís Agostinho desde 1934 (Viana, 1950, p. 289-290; Viana e Deus, 1952, p. 185), propósito clarificado quando declara que “*Dias de Deus não tinha apontamentos das suas numerosas investigações, mas a sua viva memória permitiu que eu redigisse as seguintes notas*” (Viana, 1950, p. 290).

Depois da morte de Dias de Deus, A. Viana publica dois artigos a título póstumo (Viana e Deus, 1955-57) concluindo assim os seus estudos na região de Elvas (Viana e Deus, 1957, p. 100). A maioria dos sítios apresentados pertencem já ao concelho de Elvas — onde incidiu a maioria das pesquisas — mas vários monumentos megalíticos de Monforte sofreram intervenções (Viana e Deus, 1952, p. 185-186; Deus, Louro e Viana, 1955, p. 574; Viana e Deus, 1955-57; Viana e Deus, 1957, p. 95-97). Por vezes, os autores limitaram-se a apontar a riqueza dos períodos pré-romano e romano, por exemplo das áreas em redor das Herdades da Capela, Samarra e Castelo Velho (Deus, Louro e Viana, 1955, p. 574).

Como já foi referido, as investigações realizadas na área de influência da Colónia Penal de Vila Fernando tendiam a ser bastante comedidas na área Norte. Se a distância física poderia ser uma explicação, depois de 1947 (descoberta do mosaico das Musas em Torre de Palma) a presença e, posteriormente, a tentativa de Manuel Heleno de disciplinar as actividades de Dias de Deus terá condicionado de vez essas pesquisas (Cardoso, 1999, p. 153; Fabião, 1999, p. 126). A missiva de Abel Viana de 13/12/49 para Mendes Correia é um excelente exemplo (Cardoso 1999, p. 152), assim como o é uma publicação de Abel Viana (1956), acerca de Dias de Deus, com dedicatória oferecida a Afonso do Paço onde se insinua essa pressão (Apêndice 1).

A Norte da Ribeira Grande, sobretudo em redor de Vaiamonte, Manuel Heleno promoveu as escavações de Torre de Palma. Devido à disponibilidade logística proporcionada pela preeminência do sítio romano, foram realizadas, por vezes simultaneamente, entre 1947 e 1964, uma série de outras escavações secundárias (Heleno, 1962, p. 314; Machado, 1965, p. 117, 119-120; Fabião, 1996, p. 36, 1998, p. 152), o que a documentação do Arquivo Manuel Heleno (AMH) também comprova. Esta, ainda que parcialmente disponível no MNA desde Janeiro de 1999, encontra-se em fase de catalogação, pelo que referirei a proveniência dos documentos consultados, sem qualquer código de referência, apresentando excertos de alguns deles em Anexo.

Os trabalhos complementares referidos incidiram, maioritariamente, na Cabeça de Vaiamonte, e num âmbito cronológico essencialmente romano. Por exemplo, os trabalhos eram intensificados na Cabeça de Vaiamonte quando as chuvas não permitiam os trabalhos na Lameira (microtopónimo do local onde situa a *villa* de Torre de Palma). Exemplo desta solução pode verificar-se na sequência de cartas/relatórios de João Lino da Silva de 25/10, 13, 17, 18 e 25/11/1962 (AMH). Entretanto, outros locais, sobretudo com vestígios romanos, eram alvo da acção das brigadas contratadas: Sampão, Herdade do Reguengo (onde se situa também Boa Vista), Pombal, então designado por Cemitério do Pombal, Manteigas, Cabeça Gorda e Pulsigais (actualmente designado Pocilgais e situado já no concelho de Fronteira).

Manuel Heleno também apontava vários “*monumentos dolménicos*” (Heleno, 1952, p. 314), limitando-se a enumerar os de Juntas da Ribeira e Alto da Pironga, recorrendo de seguida à sua muleta científica predilecta, o “*etc.*”. No âmbito do COMONPH, através das prospecções, das recolhas de toponímia e de informação oral conseguimos identificar as Juntas da Ribeira com a conhecida anta de Serrinha. O Alto da Pironga manteve-se um enigma até à leitura das duas listagens de antas num bloco de apontamentos de Manuel Heleno (AMH). Estas vieram clarificar o “*etc.*” e elucidar a afirmação de Saavedra Machado quando referia que Heleno “*procedeu a um inquérito sobre os dólmenes da região*” (Machado, 1965, p. 93). Contudo, não foi possível clarificar se alguma dessas antas foi intervencionada no âmbito das escavações secundárias. Julgo que não, sobretudo pela ausência de referências a tal nos relatórios de João Lino da Silva, disponíveis no MNA, referentes aos anos de 1951, 1952, 1953, 1955, 1956, 1958 e 1962, o que abarca sensivelmente quase todo o período de pesquisas naquela região durante a “Era Heleno”.

Ainda no contexto das investigações na *villa* de Torre de Palma, notamos a presença de Georg Leisner em 1947, que reclama em carta de 15/11/47 (AMH) um aumento salarial a Manuel Heleno. Depois de ingressarem ao serviço do Museu por convite de Manuel Heleno em 1948 (Machado, 1965, p. 98), em Maio de 1949 registamos a presença do casal Leisner procedendo ao desenho da planta da dita *villa* pelo período de um mês (AMH). Contudo, esta situação não facilitou a inventariação das antas desta área, pois apenas parte delas são apontadas por estes autores, com distintas designações: Os Leisner indicam a Serrinha (Juntas da Ribeira) e Santo António 1 (Alto da Pironga), sem menção às designações de M. Heleno. Isto leva-me a crer que este não partilhou com os investigadores alemães a informação que possuía, o que tornaria curioso e interessante o estudo da sua relação profissional.

Outra vertente dos trabalhos promovidos por Manuel Heleno centrava-se nas jazidas “*Paleolíticas*”, algumas de grande antiguidade, de acordo com este (Heleno, 1962, p. 314). Segundo os relatórios de João Lino da Silva (1951, 1952, 1958), estas pesquisas eram efectuadas por ele próprio nos fins-de-semana, normalmente acompanhado por um trabalhador rural. A considerarmos cronologicamente esta temática, verificamos que a maioria dos 5 sítios (Aguilhão, Bugas, Calavernas, Porto Burrinho e Beiçudos) foi localizada em 1951, com posteriores visitas em 1952. Em 1958 apenas dois novos sítios são identificados (Herdade das Lajes e Moinho do Padre). Além destes acrescento a Tapada, referida por M. Heleno (1962, p. 314), que a enumera juntamente com os sítios já referidos de Bugas, Aguilhão e Calavernas. Os materiais então recolhidos, e actualmente depositados no MNA, apresentam características daquilo que comumente se designa “*indústria macrolítica*”, ainda que necessite de maior atenção.

Numa vertente mais especializada, durante os anos 40-50, o casal Leisner procurou realizar o inventário dos monumentos megalíticos da região de Monforte a enquadrar num âmbito peninsular (Leisner, 1959, p. 44-49). Como foi referido supra, o seu traba-

lho não foi muito completo, face à informação já existente. Também, porque lendo os dados acerca da região verifico que não terá havido grande preocupação de ser exaustivo pois, ainda que tivessem efectuado alguma recolha de informação oral, nunca chegaram a confirmá-la no terreno; exemplos disso são as indicações para as antas de Bósios ou Búzios de Baixo, Rabuje, Vale de Maceiras e Torrinha. A isto, não será descabido apontar a, relativamente, fraca presença do megalitismo nesta “área de transição”, quando a comparamos com outras áreas a Norte e a Sul da região (Lopes e Boaventura, 1997, p. 382). No entanto, não obsta que se tivessem empenhado naqueles monumentos visitados, como por exemplo as antas de Santo António 1 e 2, dos quais efectuaram os desenhos em 1946, infelizmente nunca publicados. Os referidos desenhos encontravam-se no Instituto Arqueológico Alemão de Madrid e foram disponibilizados por Philine Kalb, ainda na extensão de Lisboa.

Depois da aposentação de M. Heleno, Fernando de Almeida efectuou ainda alguns estudos acerca da *uilla* nos finais dos anos sessenta, princípios dos setenta, sobretudo na basílica paleocristã (Almeida, 1970, 1972-74 e 1975; Almeida e Matos, 1972) secundados por outros autores (Blázquez, 1980; Theophilidou, 1984; Ulbert, 1978).

Nos anos 80 iniciaram-se dois programas de investigação relacionados com a área de Vaiamonte: um estudo monográfico da *uilla* de Torre de Palma (iniciado em 1983) sob a responsabilidade de Stephanie Maloney e Maria da Luz Huffstot, e outro sobre o povoamento da Idade do Ferro, abarcando a área geológica correspondente ao complexo intrusivo de Santa Eulália (começado nos finais da década de 70), onde a parte de Vaiamonte ocupa a sua franja Ocidental (Gamito, 1988a, 1988b, 1993).

Tendo o programa de Torre de Palma um cariz mais monográfico, as investigadoras nunca efectuaram um reconhecimento da área envolvente pelo que, considerando o “secretismo” dos trabalhos de Heleno, apenas com os trabalhos de Júdice Gamito se dá a conhecer de uma forma muito limitada alguns resultados da ocupação territorial da área de Vaiamonte (Gamito, 1988a, 1988b, 1993). Para esta pesquisa foram efectuados “*transectos*” (sic) baseados numa amostragem aleatória, implementada no campo em “*pente*” espaçado a 500 m, realizado em jipe e a pé. Noutro artigo o espaçamento referido do “*pente*” é de 100 m (Gamito, 1993, p. 60) — após a descoberta de um “*povoado*” o “*pente*” era encurtado para 5 m.

Sendo o objectivo principal a detecção do povoamento sidérico (Gamito, 1988a, p. 24-25), não estranha o parco conhecimento de outros sítios, muito poucos, e cronologicamente distintos.

No produto final verificamos que a cartografia apresentada na tese de doutoramento de T. Gamito (1988b, mapa 22), repetida noutros artigos (Gamito, 1988a, p. 25, mapa 4 e 1993, p. 58, mapa 8), não corresponde com exactidão à descrição dos achados resultantes das referidas pesquisas (Gamito, 1988b, p. 153-154) — os dois sítios apontados no mapa como medievais não são designados, os sítios de Sampão (Sandão em Gamito, 1988a, p. 27) e Pombal mencionados no texto não se encontram cartografados. Finalmente, uma anta é apontada sem localização ou designação. Eis um excelente exemplo de sistemática insuficiência na correlação cartográfica com o texto apresentado...

Entretanto, António Cunha, um curioso da Arqueologia, desaparecido em 1998, colecionava os achados arqueológicos que recolhia pelo concelho de Monforte, inclusive de Vaiamonte. Na sequência dessa actividade publicou um livro de curiosidades patrimoniais (Cunha, 1985) e realizou um mapa intitulado *Carta Arqueológica do Concelho de Monforte*, exposto na Informação Turística da Autarquia de Monforte, mas existindo uma cópia no Gabinete de História da mesma Autarquia. Este segundo trabalho dá uma ideia da dispersão dos achados registados, mas revela-se bastante difícil de utilizar face à escala e inexac-

tidão da localização, pessoalmente assumida pelo autor. A maioria dos sítios apontados corresponde ao período romano, ainda que em acções de realocização alguns deles tenham revelado a presença de materiais de cronologias mais recuadas.

Poderíamos ainda referir, para as últimas décadas, trabalhos de cariz mais especializado acerca de materiais proto-históricos e/ou romanos (Alarcão, 1976, 1978, 1984; Arnaud e Gamito, 1974-77; Caeiro, 1974-77, 1977, 1978, 1979; Ponte, 1985; Santos, 1972), ou, inclusive, outro trabalho de Carta Arqueológica (de Vaiamonte e Monforte) de José Inácio Militão, existente no referido Gabinete de História de Monforte, sem, contudo, acrescentarmos mais informação pertinente para o presente estudo. Também, um pouco nesse sentido, os capítulos de Carlos Fabião dedicados à Cabeça de Vaiamonte trouxeram novos dados, sobretudo para a época sidérica e romana, ainda que se faça referência a uma presença calcolítica no referido povoado (Fabião, 1996, p. 35-41, 1998, p. 174).

Do exposto podemos verificar que o estudo da Pré-História da região de Monforte, e sobretudo de Vaiamonte, nunca foi alvo de um programa específico. Com certeza, foram efectuadas escavações em alguns dólmenes, essencialmente na área Sul, no âmbito de uma abordagem amadora, posteriormente integrada no estudo da Arqueologia e Megalitismo de Elvas. Também, detectou-se ocupação/ocupações Neo-Calcolítica/s em Pombal e na Cabeça de Vaiamonte, mas ambas foram fruto de objectivos cronológicos distintos — no primeiro sítio escavou-se uma necrópole “visigótica” que fora implantada sobre um habitat Calcolítico; no segundo estudava-se a ocupação sidérica e romana, revelando-se com estas a presença Calcolítica e do Bronze (Fabião, 1996, p. 35-41 e 1998, p. 174).

Um programa específico centrado nas ocupações pré-históricas, neste caso dos IV-III milénios, apenas surge com o projecto COMONPH. Assim, desde 1995 tem vindo a ser desenvolvida pesquisa centrada neste período, da qual daremos alguma conta nos capítulos infra, parte dela tratada com maior detalhe.

#### 1.1.1. O sítio do Pombal e a “Era Heleno”.

*Casi toda la gente que trabaja en yacimientos que una generación anterior de arqueólogos investigó, ha deseado en algún momento que sus predecesores hubiesen tenido otra profesión* (ORTON, TYERS E VINCE, 1997, p.53).

A primeira referência conhecida de vestígios arqueológicos no sítio do Pombal (em vez de Cemitério do Pombal) encontra-se nas Memórias Paroquiais de 1758. Aí refere-se a existência de “*pedras lavradas de cunhais e sepulturas, cobertas com pedras grandes e há poucos anos se achou em uma os ossos humanos, que se desfaziam, como também uma almutaria de latão*” (Soares, Curvo e Lima, 1758). Provavelmente, os vestígios romanos e as sepulturas “visigóticas”, quase dois séculos depois, novamente referenciados.

Só nos anos 20 com a excursão de Leite de Vasconcelos, já referida supra, detecta-se nas suas notas, a indicação de que “*um pouco adiante [do Sampão] e próximo da herdade da Torre [de Palma] apareceram outras sepulturas, com garrafinhas de vinho (isto é, unguentários, como parece)*” (Vasconcelos, 1927-29, p. 200) — ou seja, penso eu, o sítio do Pombal. Esta nótula torna-se curiosa pois, posteriormente, em 1952, João Lino refere ter efectuado sondagens no Pombal por ordem de Manuel Heleno (Silva, 1952), talvez, por conhecimento anterior, quando acompanhava Leite de Vasconcelos na sua visita, ou, simplesmente, pela continuação de novos achados na sequência de lavras no dito local.

Inicialmente, M. Heleno julgava tratar-se apenas de um cemitério “visigótico”, revelando-se posteriormente que este tinha sido implantado num povoado pré-histórico (Heleno, 1962, p. 314). Os materiais então exumados, correspondentes ao povoado, e agora inventariados, apontam para o período Calcolítico, opinião similar de M. Heleno que os classificava como “*Eneolíticos*” (Heleno, 1962, p. 314). As cerâmicas de cariz mais moderno, “*visigótico*”, são escassas, tendo sido recolhidos também alguns artefactos metálicos.

A escavação das diversas sepulturas “visigóticas” e alguma prospecção de sítio foram efectuadas por João Lino da Silva (1953), o funcionário encarregue dos trabalhos. Isto parece confirmar a presença virtual de M. Heleno, referida por C. Fabião (1998, p. 153-154), citando os trabalhos da Cabeça de Vaiamonte descritos por M. F. Santos (*apud* Fabião, 1998, p. 153). Como se verá, as intervenções arqueológicas nos arredores de Vaiamonte seguiram, com um elevado grau de probabilidade, esse modo de operação.

Com o acesso ao Arquivo Manuel Heleno (AMH — MNA) encontrei três relatórios de João Lino da Silva (Apêndice 2), então o funcionário do Museu destacado no local, assim como um breve inventário de materiais do Pombal (Apêndice 3), provavelmente já realizado em Lisboa. A sua leitura permitiu-me reconstituir parte do processo da pesquisa arqueológica.

Admitindo que não faltará nenhum dos relatórios das escavações no Pombal, os trabalhos iniciaram-se em 1952 (Mar. 17), sendo continuados em 1953 (Set. 6-26) e concluídos em 1955 (Set. 5-17). Simultaneamente, eram efectuados os trabalhos em Torre de Palma e na Cabeça de Vaiamonte.

No primeiro ano de escavações nada é discriminado, anotando-se apenas que foram efectuadas algumas sondagens por ordem de Manuel Heleno (Silva, 1952).

O segundo ano foi mais profícuo, tendo sido detectadas e exploradas cerca de 15 sepulturas de inumação. O espólio “visigótico” associado revelou-se parco, mas recolheram-se nas terras de cada sepultura vários materiais de cariz pré-histórico. Provavelmente, para esclarecer esta situação Lino da Silva efectua pesquisas “*derroda do cimitério*” (Silva, 1953), isto é, a prospecção da área. Ainda que a descrição dos trabalhos refira a escavação de sepulturas e de sondas, assim como os respectivos materiais recolhidos, não faz qualquer referência a níveis estratigráficos. Por outro lado, todas as terras provenientes da escavação das sepulturas foram crivadas (não se diz como!), mas “*não apareceu qualquer objecto*” (Silva, 1953).

Os resultados da campanha de 53, e provavelmente os de 52, terão provocado uma certa confusão momentânea a M. Heleno, considerando a ressalva como “*case study*” que este faz numa conferência de 12/1/58 (o rascunho dessa conferência encontra-se no AMH), apontando o Pombal como “*uma verdadeira armadilha arqueológica, dado que ao sepultarem os corpos o tinham feito, como é evidente, com a terra do local, onde se encontravam dispersas numerosas peças desse período [eneolítico], que deste modo apareceram dentro de sepulturas muito posteriores*”, afirmação publicada repetindo que “*as primeiras sepulturas exploradas apresentavam esqueletos dispostos à maneira medieval, mas continham um espólio eneolítico*” (Heleno, 1962, p. 314).

Após a pausa de um ano (?), em 1955 os trabalhos descritos insistem na realização de várias sondagens, onde são encontradas mais duas sepulturas. O facto de se referir várias sondagens ao longo da campanha no local, tal como em 1953, pressupõe que estas teriam alguma espécie de limite espacial, o que infra se confirma. Pela sequência das camadas enunciadas penso que foram realizadas 4 sondas. Como novidade encontro a referência à proveniência dos materiais por camadas artificiais de 25 cm descendo-se em algumas das sondas até aos 75 cm de profundidade, todavia sem qualquer material da camada 0-25 cm.

A inexistência de qualquer planta, assim como a ausência de coordenadas horizontais para os achados, torna impossível qualquer compreensão de área, ainda que genericamente

tenha permitido perceber alguma da sua estratigrafia para a última campanha. Inclusive, a actual localização do sítio onde se realizaram as escavações só foi possível depois de algumas acções de prospecção de superfície, detectando-se uma concentração de materiais pré-históricos, fragmentos de lajes de xisto e de ossos humanos no local (Pombal 1) e, posteriormente, da confirmação com a informação pessoal de Elias Peixe, um dos trabalhadores contratados na primeira campanha do Pombal.

Se os três relatórios mencionados supra permitiram compreender parcialmente como e quando os trabalhos ali foram realizados, só com o cruzamento da informação oral recolhida de antigos trabalhadores das campanhas promovidas por M. Heleno foi possível perceber melhor e mais em concreto os métodos de escavação e o seu funcionamento — essa informação oral, entretanto cruzada, devo-a aos Srs. Elias Peixe (Pombal, Torre de Palma e Cabeça de Vaiamonte), João António Peixe (Torre de Palma, Cabeça de Vaiamonte, Sampão, Reguengo e Boa Vista) e José Peixe (Torre de Palma, Cabeça de Vaiamonte, Sampão e Reguengo), que trabalharam em várias das escavações de Vaiamonte.

As brigadas de homens que acorriam a candidatar-se (sendo a jorna normal em finais da década de 50 paga a 25\$00, o Museu pagava 30\$00), eram contratadas pelo funcionário João Lino da Silva, que encarregava o Sr. António Peixe (de Vaiamonte) de executar as suas ordens. As escavações não utilizavam qualquer tipo de quadrícula, avançando os homens de picareta e em linha (estratégia aplicada pelo menos na Cabeça de Vaiamonte e Torre de Palma). Por vezes realizavam-se “Sondas” ou Sondagens — estas aproximavam-se de um quadrado com cerca de 2-4 m<sup>2</sup>, normalmente descendo até à rocha. Quando surgiam estruturas, estas eram primeiramente seguidas e delimitadas, aprofundando-se depois. Como a maioria das campanhas se realizava no Verão, as terras saíam em torrões que raramente eram desfeitos. As terras removidas eram puxadas para trás e posteriormente empurradas a cobrir as áreas abertas. No caso particular de Torre de Palma, as terras eram carregadas em carroças para depois serem espalhadas nos terrenos imediatamente envolventes. Quando surgiam sepulturas, os trabalhos tendiam a ser mais cuidadosos — primeiro delimitava-se a sepultura, depois ia-se humedecendo a terra e avançando com ferramenta pequena, por vezes a canivete. No final, depois de concluída a escavação, o local era novamente coberto com as terras anteriormente extraídas. Exemplo claro desta medida é referido em duas cartas de João Lino da Silva (1964, Ag. 27 e 31 — AMH) acerca das escavações no Sampão, quando há que tapar as sondas porque o lavrador queria iniciar os trabalhos agrícolas.

Num primeiro cômputo, a partir da análise dos poucos dados contextuais e estratigráficos dos documentos referidos, posso resumir os achados da seguinte forma:

- Foram exploradas cerca de 17 sepulturas, 5 das quais com ossadas completas, uma delas com 4 crânios, 6 com ossadas mal conservadas que se desfizeram e 6 sem qualquer informação, pelo que deduzo, sem ossadas. Considerando a informação estratigráfica do último ano, uma sepultura foi encontrada na camada 25-50 cm e outra na camada 50-75 cm. Estas duas últimas forneceram respectivamente um anel e uma fíbula de ferro. Ainda outra sepultura, escavada em 53 forneceu uma “jarra com as asas partidas”.
- Se podemos apenas apontar a existência de materiais pré-históricos nas terras das sepulturas escavadas em 53, para 55 é possível tentar verificar presenças e ausências aproximadas na estratigrafia referida. Assim, face ao pequeno universo disponível, apenas é curioso notar a ausência de elementos de tear na camada 50-75 cm, sem que isso implique imediatas assumpções de ausência, perante as debilidades do registo agora abordado, que é contraditado infra.



CAMADA (CM)	25-50	50-75	TOTAL DE REFERÊNCIAS
Machado	8	7	15
Percutor	3	4	7
Lasca	6	6	12
Fragm. cerâmica	4 ref.	2 ref.	6 ref.
Elemento de tear	4 ref.	-	4 ref.
Ponta de seta	3	1	4

No referido Arquivo Manuel Heleno encontrei também outro registo estratigráfico, a referida lista de inventário referente ao Pombal, com certeza realizada já no MNA (Apêndice 3). A datação desta listagem terá de ser de 1955 ou posterior, considerando que alguns dos materiais correspondem aos achados da última campanha. Nessa lista atribui-se a cada peça uma numeração romana, assim como a camada artificial correspondente, ou se pertencia a sepulturas (sem qualquer discriminação). Comparando-a com a tabela anterior verifico algumas discrepâncias.

Primeiramente, o inventário terá sido iniciado, mas nunca concluído, pelo que o total de peças é reduzido (28 peças). Depois, refere a camada 0-25 cm com materiais (que não é referida no relatório de 55), aponta um elemento de tear na camada 50-75 cm (talvez de campanha anterior) e, presumo eu, reclassifica a argola de ferro para bronze.

CAMADA (CM)	0-25	25-50	50-75	SEPULTURAS
Ponta de Seta	1	2		1
Lasca	2	9	1	
Machado		3		1
Elemento de tear		4	1	
Argola de bronze				1
Escopro de bronze	1			
Fíbula de ferro				1

Esta situação, da inventariação dos materiais do Pombal, terá tido alguns avanços nos anos seguintes, recebendo parte do material um número de inventário em algarismos árabes, mas só se finalizou com o presente estudo. Aliás, a questão da fiabilidade actual da proveniência dos materiais do Pombal no MNA, acerca da qual efectuei um primeiro ensaio (Boaventura, 2000), coloca-se, em parte, pela deficiente inventariação no devido momento.

Na década de 80 foi realizada a desmontagem das vitrinas da “Era Heleno”. O relatório da desmontagem da vitrina n.º 286 (MNA), onde se encontravam as peças de Pombal, uma da Cabeça Gorda e uma parte dos materiais da Cabeça de Vaiamonte, aponta algumas ressalvas pertinentes, pelo que passarei a mencioná-las:

- Grande parte dos materiais do Pombal tinha número de inventário geral, e estavam acompanhados com etiquetas confirmando essa proveniência. Apesar disto, na primeira prateleira o sítio é referido nas etiquetas por “Monte do Pombal” e nas fichas de inventário por Cemitério do Pombal.
- Quando a proveniência vinha marcada na própria peça apenas dizia “Pombal (Vaia-monte)”, havendo ainda uma peça com apenas as iniciais “C.P.” — Cemitério do Pombal (?).
- A atribuição de materiais à Cabeça de Vaiamonte apenas foi efectuada para as peças com numeração confirmada nas fichas antigas.

- Existia ainda material sem qualquer numeração ou identificação — este foi denominado “Cemitério do Pombal/Cabeça de Vaiamonte”, ou vice-versa, mas com o mesmo objectivo.
- Na 2.<sup>a</sup> prateleira desta vitrina constavam duas etiquetas referindo materiais retirados para lavagem, datadas de 29/11/72 com o nome de J. M. Arnaud, existindo um terceiro papel referindo o seu estudo pelo mesmo arqueólogo.
- As 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> prateleiras apresentavam-se muito vazias, ainda que as marcas do pó indiciassem a existência anterior de peças.

Portanto, tive que procurar clarificar as dúvidas que as notas de desmontagem suscitavam.

Contactado José Morais Arnaud, este arqueólogo referiu que pensara efectuar o estudo, mas nunca o iniciara, retornando as peças à sua origem.

Entretanto, em 1971, ainda quando as antigas vitrinas do Museu Nacional de Arqueologia estavam montadas, e não muito mexidas, José Arnaud, a quem agradeço esta preciosa informação, sem a qual as minhas incertezas manter-se-iam bem maiores, efectuou uma breve nótula de inventário (Apêndice 4) registando a presença de cerâmica campaniforme na vitrina do Pombal, além de outras peças identificáveis. Os esboços dessas peças coincidem com as cerâmicas números 997.28.175, 177, 178.

Também, a maioria dos materiais encontrava-se por lavar desde a escavação, o que gerou alguma segurança acerca da sua proveniência pois, todas as peças nessa situação apresentavam o mesmo tipo de terra e concreções calcárias, algumas delas presentes em materiais já lavados — situação idêntica àqueles materiais recolhidos nas minhas prospecções efectuadas no Pombal — contrastando com a ausência destas concreções nos materiais já lavados da Cabeça de Vaiamonte.

Recentemente, após a listagem, com a lavagem e tentativa de colagem foi possível verificar que dois pares de fragmentos de elementos de tear colam (997.28.48 e 997.29.22/997.80.36 e 997.29.4), o primeiro do Pombal e os restantes dos grupos duvidosos.

Outra questão que o apontamento de José Arnaud veio levantar é a ausência de determinado tipo de material, sobretudo as pontas de seta e lâminas, actualmente inexistentes no espólio de Pombal. Neste sentido, os relatórios de João Lino da Silva confirmam esta triste notícia. Por exemplo, não registamos, pelo menos, os 2 fragmentos de “facas” encontradas em 1953 (Silva, 1953).

Por mero acaso tive acesso a uma das fichas de inventário do MNA, onde se refere, no seio de materiais das antas de Pavia, uma “ponta de dorso oblíquo” (n.º de inventário antigo 46291) atribuída ao Cemitério do Pombal, ainda que a ficha antiga com o mesmo n.º 46291 descreva um “fragmento de pendente de formato semi-lunar” do Cemitério do Pombal, isto é, um elemento de tear crescente. Não será de admirar, pois, que perante a continuação do estudo das colecções ali existentes, com a adequada crítica das fontes, que novas peças possam ser detectadas e, eventualmente, recuperadas.

Assim, pelo exposto supra, considerando todos aqueles indícios, creio que, com uma segurança relativa, posso apontar todos os materiais aqui tratados como provenientes do Pombal.